

Novamente Belém

Em 1972, meu pai José Pereira de Oliveira (Seu Macarrão) possibilitou-me, como presente de quinze anos, minha ida a um trecho na época em construção da rodovia Transamazônica. Itaituba-PA, cidade até então desconhecida, era o local do acampamento, onde passei curtos dois meses de aventuras.

No ano seguinte, ou seja, em 1973, também em minhas férias de fim de ano, fui à outra obra para onde ele havia sido transferido, dentro do mesmo estado do Pará, porém no lado oposto a Itaituba. Agora, no rumo nordeste de Capanema.

Eu era muito novo aquela época; costumava escolher no avião a janela como acento preferencial para ver a paisagem aérea do meu destino. Se você gosta de fortes emoções, recomendo sentar na janela quando tiver como destino a cidade de Belém-PA e RJ-RJ via Santos Dumont.

Sem chuva, em um fim de tarde, desembarquei em Belém. Desta vez Oscar estava à minha espera. Rumamos para a residência e também escritório regional da empresa.

O engenheiro José Sérgio Carvalhedo, que eu conhecera em Itaituba, assim como meu pai, fora transferido para esta obra de implantação de um trecho da BR 316 e BR 010 (Belém/ Brasília), com base em Capanema-PA.

No dia seguinte, uma sexta-feira, Sérgio chegou ao escritório para passar o fim de semana e me conduzir com destino a Capanema. Eu passaria lá no mínimo uns trinta dias de férias.

Se fosse possível voltar no tempo, eu faria algumas coisas que não fiz. Uma seria ter um diário. Isso mesmo, tipo as que muitas meninas tem e os meninos, erradamente a meu ver, não tem. Registrar experiências pode fazer a diferença.

Acompanhando o jovem engenheiro Sérgio Carvalhedo neste fim de semana de sua folga, pude conhecer, entre outros lugares, o Círculo Militar de Belém, onde jantamos jacaré e outras iguarias permitidas na época. Fui pela primeira vez ao Mercado Ver o Peso, às margens da Baía de Guajará e fiquei impressionado com a diversidade de pescado: em um só box de venda, tinha mais tipos diferentes de peixes que todos os existentes no Ceará.

Houve, entre tantos, um passeio em especial que me marcou. No sábado à noite fomos a Icoaraci, a 25 km de Belém. Essa pequena cidade banhada pela Baía de Santo Antônio é ponto de saída e chegada de embarcações ribeirinhas de pequeno e grande porte de pesca e de transporte de pessoas e cargas.

Sérgio era cearense de classe alta que estudou e se formou em Engenharia Civil na então Guanabara – RJ. De gosto refinado, tinha usufruído de uma criação do melhor nível possível à época, dada por seus pais. Aos 26 ainda era um garoto, e como tal, estava aberto à cultura por onde passava. Meu filho Marcos Musy de Oliveira tem 26 anos, é engenheiro civil lotado hoje em uma obra no interior, no sul do Pará e também nesta idade ainda é um garoto.

No trajeto até Icoaraci ele me perguntou se eu sabia o que era Carimbó. De bate pronto, sabido todo, eu disse: "Pinduca"! Ele me encarou e disse – "Tu não és filho do Macarrão".

Eu tinha uns dois Long Play (LP ou disco de vinil) do Pinduca. Carimbó então era ele; ledo engano. Você não pode afirmar que conhece o Bumba Meu Boi do Maranhão só por ter ouvido seus vários sotaques, por qualquer que seja a fonte. Faz-se necessário ver, participar, sentir *in loco* a energia desta cultura. Se estiver certo com esta afirmação ele naquele momento também estava. Eu conhecia um cantor de Carimbó, eu não conhecia Carimbó.

Boquinha da noite ele estaciona em frente a um terreiro, tipo um campo de futebol, com casas margeando, que pela proximidade com o mar poderiam ser de pescadores. Os sons ritmados dos tambores e maracás me conquistaram ainda dentro do carro. Desci hipnotizado pela cadência daquela até então desconhecida manifestação de cultura indígena.

Estávamos bem vestidos em comparação aos demais nativos mas isso não foi barreira para Sérgio, que tirou a camisa de dentro da calça, abriu seus botões e, feito um galo com as asas abertas rodeando uma galinha, entrou na dança. Ele parecia um menino com os braços abertos brincando de voar. Ele voou por horas na magia do Carimbó. Sensacional noite.

Na segunda-feira seguimos de carro para Capanema. O trecho da construtora onde meu pai e ele trabalhavam compreendia de antes de Capanema até o Gurupi, divisa com o Maranhão.

Ao escrever este texto abro um baú de recordações adormecidas. Alguém pode gostar de conhecê-las e por conta disso vou compartilhar com vocês outras passagens que ainda me lembro desta viagem: **Novamente Belém.**

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 296 MA.